

Publicação em Psicanálise: reflexão sobre a função pensante do editor e do analista

Primeiramente eu quero agradecer aos organizadores da Jornada, e à Patrícia Nunes, com quem pude conversar mais diretamente, em função de ela estar conosco na equipe editorial do *Jornal de Psicanálise*. O compromisso de compartilhar com vocês minhas reflexões sobre o tema proposto – a *função pensante* do editor e do analista – tornou-se um verdadeiro estímulo para exercitar minha “função pensante” em relação a questões que têm surgido no decorrer do trabalho como editora do *Jornal*, desde o início do ano passado, e que considero instigantes e um tanto complexas...

A função pensante do editor e os sentidos da *publicação*

O sentido da palavra *publicação* abrange variados vértices e dimensões, desde o significado mais corriqueiro relacionado à apresentação por escrito de um texto num encontro científico, numa revista ou livro, até, por exemplo, a verbalização de uma interpretação psicanalítica no *setting* clínico, como Bion considerou. Nesse sentido mais profundo da *comunicação humana e intersubjetiva*, podemos reconhecer como “publicações” quaisquer falas ou atitudes, não apenas no *setting* psicanalítico, como agora, esta minha exposição a vocês: estou, neste momento, *publicando* reflexões, tornando-as públicas, assim como os colegas que me antecederam nesta Jornada. Vocês, participantes, ao formularem perguntas aos palestrantes, também estão *publicando* suas questões.

Uma característica da publicação científica, e que por vezes pode se tornar um problema delicado para o editor e a equipe trabalharem, é que o autor, através de sua escrita, estará bastante exposto, ocupando um lugar de visibilidade no grupo de leitores, gerando as mais variadas reações, como interesse, valorização, admiração ou, então, desinteresse, depreciação, irritação, entre inúmeras outras... O autor, por sua vez, também reagirá à repercussão de sua exposição das mais variadas maneiras: se sentirá gratificado pelos *feedbacks* positivos, mas poderá sentir aborrecimento quando o *feedback* for negativo, com sentimentos de frustração, eventualmente mágoa, sentimento de ser incompreendido, não reconhecido, excluído... Ou, então, as críticas poderão servir de estímulo para revisar e aprofundar conceitos, transformando-se num valioso aprendizado.

Nem sempre é fácil para um autor, mediante críticas, sentir-se confortável e disponível para ponderar sobre a validade de pontos de vista diferentes dos seus, já que dedicou horas à sua elaboração. Lidar com concordâncias é uma experiência agradável, tranquila, enquanto que as discordâncias tendem a mobilizar desconforto emocional, ansiedades...

Não esqueço uma conversa com o querido Antonio Sapienza, que foi meu segundo supervisor em minha formação no Instituto, na qual abordávamos meus receios e impasses com a publicação de meu relatório, e ele sugeriu pensar no modelo do Messias, do nascimento de Jesus: uma publicação geralmente é fruto de muito trabalho de elaboração e há muita expectativa com sua chegada! No entanto, sempre é recomendável se preparar para o enfrentamento de Herodes, de movimentos de oposição ao bom acolhimento e à esperança de realizações gratificantes...

Considerando que em psicanálise, assim como na vida em geral, não existe uma verdade absoluta, ou certezas, e que, portanto, ninguém é “dono da verdade”, vocês podem imaginar a complexidade inerente à tarefa de um editor de uma revista científica, como o *Jornal de Psicanálise*, por exemplo, que recebe muito mais trabalhos do que o limite do número de páginas permite publicar, ou seja, necessariamente deverá acontecer uma *seleção* e, conseqüentemente, a *recusa* dos trabalhos de inúmeros autores. Tal responsabilidade pressupõe o *estabelecimento de critérios* que justifiquem tanto a *inclusão* como a *exclusão* de textos, critérios aos quais voltaremos mais adiante.

Notem que estamos tratando de um campo de experiências intelectuais e emocionais extremamente sensível e suscetível a conflitos.

Um breve histórico dos 18 meses no *Jornal de Psicanálise*

Foi com muita alegria que aceitei o “convite-desafio” da diretora do Instituto da SBPSP, Vera Regina Fonseca, para colaborar com as atividades do *Jornal de Psicanálise*, em 2017. O *Jornal* é uma publicação semestral do Instituto, fundado na década de 60 por iniciativa de Virgínia Leone Bicudo, com o objetivo principal de promover a escrita e a publicação de trabalhos dos analistas em formação, mas que veio a se tornar, com o tempo, um periódico científico aberto a autores interessados, provenientes de outras instituições ou de variados locais.

Com o objetivo de contribuir com a formação psicanalítica em sua dimensão mais formalmente científica, seguindo normas internacionais de publicação, a equipe editorial é composta por membros filiados ao Instituto (anteriormente chamados “candidatos”, como ainda são chamados os analistas em formação em diversos institutos), mas também por membros associados e efetivos. Atualmente, contamos com a parceria do colega Celso Vieira de Camargo, editor associado. Fomos compondo a equipe espontaneamente, considerando sugestões de nomes e procurando uma representatividade das correntes de pensamento de nossa Sociedade.

Dada a importância de alguns critérios para avaliar os artigos com certa imparcialidade, subtraindo, na medida do possível, o peso das preferências teóricas pessoais, utilizamos o roteiro de avaliação de

trabalhos adotado pela *Revista Brasileira de Psicanálise*, onde há uma série de itens formais e alguns itens qualitativos a serem observados, que têm nos ajudado numa primeira aproximação mais objetiva dos textos, a partir da qual impressões de caráter mais subjetivo são comunicadas livremente, por escrito. O anonimato é um aspecto importante, pois a identificação dos autores é excluída dos arquivos enviados para a leitura da equipe, assim como a identificação dos pareceristas é mantida em sigilo na devolutiva.

Com a proposta de funcionarmos como “grupo de trabalho”, numa aproximação do sentido bioniano do termo, e de construirmos um aprendizado grupal nesta tarefa de incluir/excluir textos *e seus autores*, procuramos valorizar a liberdade individual de expressão na equipe, sempre seguida por reflexão conjunta para a elaboração de um parecer que represente o pensamento grupal sobre o artigo, incluindo convergências e eventuais pontos de vista divergentes, articulados num mesmo texto, que passei a nomear de “parecer integrado”, assinado por mim, Celso e equipe editorial, sem a identificação dos pareceristas, como comentei acima.

O intuito é o de colaborar com os autores, no sentido de funcionarmos como interlocutores ou como uma caixa de ressonância de seus trabalhos, enquanto representantes de possíveis reações do público em geral. Temos trabalhado em duplas, trios e até quartetos voluntários, que se compõem através das livres escolhas dos trabalhos para ler, em função dos títulos, temas, correntes teóricas, etc.

Tivemos o prazer de realizar os dois números de 2017, com os temas “a escrita psicanalítica” e “sonhos”, publicados nos meses de junho e dezembro, respectivamente, e que logo mais serão sorteados aqui, dois exemplares de cada um.

Função pensante da equipe editorial

Para pensarmos na função editorial de uma revista científica, é interessante considerar, além do editor e editor associado, a participação dos membros da equipe editorial enquanto leitores responsáveis pela seleção de textos aceitos e recusados.

Retomando os sentidos da *publicação*, vimos a questão da exposição do autor e da visibilidade de seu pensamento em forma escrita, desencadeando diversas reações, de aceitação ou não. Eu estou polarizando – *incluir/excluir, aceitar/recusar* – mas é necessário levar em conta algumas variantes entre esses extremos, que acabam se tornando possibilidades de encaminhamento dos artigos pela equipe, como “aceitar com sugestões de modificações”, ou “recusar para o presente número, podendo ser reapresentado posteriormente caso as sugestões da equipe façam sentido”.

Então, não se trata simplesmente de aprovar ou reprovar artigos, mas estabelecer um diálogo primeiramente entre nós, da equipe, e com os autores, buscando trocar impressões, experiências, conhecimentos, num espírito de colaboração mútua.

Ocorre que, ao emitirmos na equipe nossas opiniões e pontos de vista, inevitavelmente passamos a ocupar o lugar de “autores” das nossas avaliações, dos nossos pareceres. Ao “publicarmos” na equipe, neste diálogo grupal, nossos pontos de vista, adquirimos visibilidade no grupo e, como ocorre com qualquer publicação, nos expomos às mais variadas reações dos colegas da própria equipe, como as que destaquei no início: interesse, valorização, admiração ou, então, desinteresse, depreciação, irritação.

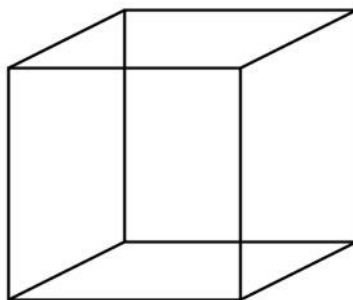
Tais reações humanas, inevitáveis em qualquer grupo, conforme a sua intensidade podem evoluir para verdadeiros conflitos em torno das divergências, tornando-se bastante produtivos ou não, o que traz diversos níveis de aprendizado, alguns impasses, conforme o trabalho em pauta e suas ressonâncias, conforme as duplas, trios ou quartetos, conforme o prazo ou certa pressão temporal, enfim, são muitas as variáveis que determinam as dinâmicas do trabalho editorial.

Na perspectiva de editora tenho considerado, com a colaboração dos colegas da equipe, que a *qualidade intelectual e afetiva* transmitida por determinado artigo que nos é submetido pode influenciar a qualidade das avaliações que ele suscita, que podem variar, também, conforme a disponibilidade para a reflexão compartilhada e para a consideração de outros vértices além do próprio.

É muito interessante observar como a *função pensante*, neste trabalho editorial - a minha e a dos colegas - pode se revelar mais sensível, profunda e criativa, quando conseguimos maior sintonia com nossa capacidade de “sonhar” os artigos enviados e os pareceres emitidos, no sentido de estabelecermos uma troca cuidadosa para que a tarefa de aceitar/recusar, incluir/excluir não se limite a algo mecânico, rígido, por demais enviesado ou até autoritário, procurando a harmonia entre o intelecto e a intuição, e com espírito democrático.

Provavelmente, ainda vamos experimentar a conciliação desse modelo de *grupo de trabalho* com um modelo mais individualizado de avaliação dos artigos, devido a uma demanda que vem surgindo em parte da equipe para enviarmos aos autores pareceres individuais, com a vantagem – ou desvantagem - de que os pareceres de cada um não seriam questionados ou reformulados nas trocas grupais, priorizando a autenticidade da autoria personalizada do parecer e evitando conflitos.

Figura 1



A função pensante do analista, a função sonhante e o modelo de mente da psicanálise

Quando assumi este desafio junto ao *Jornal*, no início do ano passado, eu estava lendo a tese de doutorado de Emiliano de Brito Rossi (2012), da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP, intitulada “Tradução como sobre-vida: no exemplo de *Sobre a concepção das afasias – um estudo crítico*, de Sigmund Freud”, na qual o autor apresenta a tradução integral deste primeiro livro de Freud (1891), tratando-se da primeira publicação em português traduzida diretamente do alemão.

A meu ver, esta tese é um trabalho extremamente bem-vindo à comunidade psicanalítica, pois, além da inédita tradução propriamente dita, recentemente publicada em livro (2016) como primeiro volume da coleção “Obras Incompletas de Sigmund Freud” da Editora Autêntica, o autor apresenta interessantes reflexões sobre a função de sobrevida para a psicanálise oferecida pelas traduções. Achei curiosa a hipótese de que este livro de Freud foi submetido a uma espécie de “recalque” e de “retorno do reprimido” na literatura psicanalítica, a começar pelo próprio Freud que teria se frustrado com a restrita repercussão na época de sua publicação original e, assim, o excluiu da primeira edição alemã de sua obra reunida (1946), vindo a recuperar as ideias ali contidas em teorizações posteriores.

Consequentemente, os organizadores da coleção em suas traduções para outras línguas mantiveram essa exclusão, considerando ser este um texto “neurológico”, ou “pré-psicanalítico”. No entanto, James Strachey, tradutor da coleção freudiana para o inglês, percebendo as conexões deste estudo sobre as afasias e o texto de 1915 “O inconsciente”, incluiu como apêndices alguns de seus trechos. Em sua tese, Emiliano Rossi desenvolve a linha de argumentação compartilhada por outros autores, segundo a qual, mais do que no texto “Projeto para uma Psicologia Científica” de 1895, habitualmente tido como o divisor de águas entre o período neurológico e o psicanalítico, é justamente nesta monografia sobre a concepção das afasias que Freud se desvencilha efetivamente da Neurologia, da concepção de cérebro e das teorias localizacionistas vigentes.

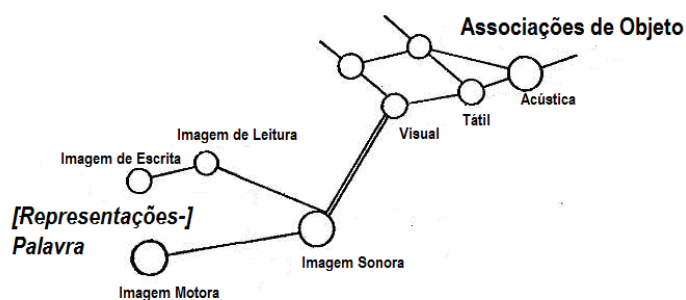
Emiliano Rossi deixa claro o ímpeto destemido de Freud ao desconstruir as linhas argumentativas consolidadas no campo científico da época, reconhecendo o valor das pesquisas de autores até então negligenciados (como Hughlings-Jackson) que já trabalhavam com a visão da complexidade da função da linguagem, a partir das sutilezas que diferenciavam os sintomas dos pacientes nas distintas manifestações da afasia. Basicamente, as parafasias permitiram a construção dos alicerces do modelo psíquico da psicanálise, por suas semelhanças disfuncionais com as histerias, ou seja, sintomatologia sem substrato orgânico.

Portanto, é a partir deste estudo sobre as afasias de 1891 que o desenvolvimento da linguagem humana passa a ser compreendido como um complexo processo de refinamento gradativo da capacidade de simbolização, associado aos órgãos dos sentidos (visual, acústico, tátil) e à motricidade (falar e escrever), porém envolvendo *determinantes afetivos* na plasticidade da memória, hipóteses que recentemente vêm sendo comprovadas pelas novas tecnologias de registro de imagens cerebrais.

A fala e a escrita - “representações de palavra” - podem ser consideradas a aquisição mais sofisticada dos processos secundários, desenvolvida enquanto *linguagem verbal* a partir da “representação de objeto” e respectivas experiências sensoriais associadas aos processos primários.

Em 1900, Freud faz uma modificação terminológica em “A interpretação de sonhos”, adotando “representação de coisa” em substituição à “representação de objeto” anteriormente utilizada (1891), passando, então, a conceituar “representação de objeto” como a integração de “representação de coisa” e “representação de palavra”. Esses detalhamentos conceituais em sua evolução histórica e epistemológica podem ser interessantes para elucidar as contribuições em relação aos processos de simbolização trazidos por M. Klein (teoria das relações de objetos internos) e W. Bion (teoria da função alfa), entre outros autores.

Vale lembrar que o esquema abaixo (Figura 2), reproduzido no apêndice C - “Palavras e coisas” do texto “O inconsciente” (1915) foi originalmente publicado neste livro “Sobre a concepção das afasias – um estudo crítico” (1891).



Tendo como pano de fundo tais fundamentos metapsicológicos, desenvolvemos o tema da escrita no primeiro número do *Jornal* de 2017. Na sequência, mantivemos a conexão com as raízes do pensamento freudiano e escolhemos o tema dos sonhos para o segundo número, do qual eu aproveitei alguns trechos do editorial para apresentar a seguir.

A relevância desses temas do *Jornal* de 2017 deve-se ao fato de que a concepção psicanalítica de mente é fruto da genialidade de Freud ao perceber, principalmente em si mesmo, que os sonhos realizam um processamento psíquico das experiências sensoriais e afetivas vivenciadas pelo ser humano no decorrer da vida, atribuindo-lhes *um sentido emocional*. No modelo freudiano de sonhos este trabalho psíquico é ininterrupto, como são também contínuos os estímulos vitais externos e internos, geradores de registros mnêmicos que demandam um continente inconsciente para seu armazenamento, de modo a liberar a consciência para as funções de convivência e de sobrevivência. Quando este processamento onírico falha – quando não é possível sonhar - o continente interno se fragmenta e os conteúdos inconscientes e conscientes não mais se diferenciam, configurando os estados de psicose.

É interessante constatar como na comunidade psicanalítica há uma tendência de supervalorizar, no modelo freudiano, a função do sonho de “guardião do sono” e de “realização de desejos”, de certa forma subestimando sua função principal de “guardião da saúde mental” e, portanto, de “figurabilidade”, de “pensabilidade”, de diferenciação entre as instâncias *Ics* e *Pcs-Cs*, o que é generosa e detalhadamente explicitado por Freud (1900) no desenvolvimento dos capítulos de “A interpretação dos sonhos”.

Provavelmente padecemos de certa resistência a ler e a estudar este texto básico de 1900, fenômeno que parece se manifestar nas várias gerações de psicanalistas. No pós-escrito (1909) ao primeiro capítulo de “A interpretação dos sonhos”, bem como em “A história do movimento psicanalítico” (1914), “Um estudo auto-biográfico” (1925) e nas “Novas conferências introdutórias sobre psicanálise” (1933), Freud refere-se à falta de compreensão de sua teoria dos sonhos e a críticas de autores que sequer leram seu livro! Na “Revisão da teoria dos sonhos” (Conferência XXIX, 1933), ele comenta:

Algumas fórmulas passaram a ser do conhecimento geral, entre elas algumas que nós nunca apresentamos – tal como a tese de que todos os sonhos são de natureza sexual -, mas coisas realmente importantes, como a fundamental diferença entre o conteúdo manifesto dos sonhos e os pensamentos oníricos latentes, a percepção de que a função de realização de desejos dos sonhos não é contradita pelos sonhos de ansiedade, a impossibilidade de interpretar um sonho a menos que se tenha à disposição as respectivas associações do sonhador, acima de tudo a descoberta de que o essencial nos sonhos é o processo de elaboração onírica – tudo isso ainda parece quase tão alheio ao conhecimento da maioria das pessoas, como há trinta anos. (Freud, 1933, p. 18).

O problema, aqui, chama a atenção porque, mesmo considerando os inegáveis avanços teóricos e técnicos proporcionados pelos grandes autores da Psicanálise que se seguiram, eles só aconteceram porque esses autores se aprofundaram no modelo de mente de Freud, que corresponde essencialmente ao seu modelo de sonho, ou seja, se alimentaram daquilo que é “originário” do campo da Psicanálise, sem diluí-lo.

Será que na transmissão e recepção dos conhecimentos psicanalíticos, no decorrer dos anos, estamos nos desconectando de suas fontes originais, numa espécie de “telefone sem fio”? Por exemplo, não é raro atribuir-se a Bion a originalidade do conceito de “pensamento onírico de vigília”, sendo que este é o aspecto central da primeira tópica freudiana, a essência da concepção de inconsciente, reconhecida e citada em diversas passagens pelo próprio Bion, em sua obra. No primeiro capítulo de “A interpretação dos sonhos”, no item D – “Por que nos esquecemos dos sonhos após o despertar” – Freud faz uso de uma bela metáfora: “Os sonhos cedem ante as impressões de um novo dia, da mesma forma que o brilho das estrelas cede à luz do sol.” (p. 75). Não podemos perceber nitidamente nossos sonhos durante a vigília, mas eles estão presentes, fluindo, e por isso a função analítica é difícil, mas perfeitamente viável de realizar mediante intensivo treinamento em associação livre e atenção flutuante, *reverie*, sem memória e desejo de compreensão ou, como propõe Freud (1900), em estado de auto-observação acrítica, em repouso e receptividade a ideias involuntárias.

Não se trata de idealizarmos o pensamento freudiano, ou diminuirmos o valor original do pensamento dos autores que também se tornaram clássicos e dos autores contemporâneos, mas sim de apreendermos certo “fio da meada” imprescindível para a clareza do modelo. Por diversas vezes, não apenas na citação de 1933 acima, Freud nos alerta quanto à frequente confusão que se faz entre “conteúdo manifesto do sonho” e “pensamentos oníricos latentes”, o que impede a compreensão de que o “trabalho do sonho” (pré-consciente) – condensação, deslocamento, consideração à representabilidade e elaboração secundária - opera sobre os pensamentos oníricos inconscientes, criando uma barreira ou filtragem, ou seja, o *sonhar* equivale a *elaborar secundariamente*, a *pensar* os pensamentos oníricos latentes: “... uma atividade crítica de pensamento, que não é uma simples repetição do material dos pensamentos do sonho, tem *efetivamente* uma participação na formação dos sonhos.” (Freud, 1900, p.300, grifo no original).

Eu diria que o essencial é levar em conta o contato com os afetos, que através dos sonhos adquirem sentidos existenciais, transformando-se em pensamento verbal. Freud (1900) destaca uma observação feita por Stricker em 1879, na qual o autor iguala os afetos experimentados no sonho aos experimentados na vigília: “*Se temo ladrões num sonho, os ladrões, é certo, são imaginários – mas o temor é real.*” (p. 427). A partir de suas próprias pesquisas Freud também conclui que, apesar da

distorção dos pensamentos oníricos latentes (deslocamentos e condensações para escaparem à censura imposta pela resistência pré-consciente), os respectivos afetos - quando não suprimidos ou transformados em seu oposto (o que já é uma “dica”) - permanecem intactos no sonho manifesto, salientando a experiência emocional como o guia principal da função pensante e da investigação psicanalítica.

De qualquer forma, a apreensão dos fenômenos da realidade externa, sensorial, como por exemplo um texto psicanalítico publicado, terá sentido conforme as configurações do aparelho de *sonhar*, e suas evoluções transformadas em *pensar*, o que é extremamente variável de um ser humano para outro.

Figura 3



Eu quero agradecer a todos os colegas da equipe editorial, pela disponibilidade, dedicação, cooperação, paciência, criatividade, pelas críticas, enfim, por todas as experiências compartilhadas, com as quais tenho aprendido muito...

Celso Antônio Vieira de Camargo

Evelyn Fingerman Prizant

Geraldo Galender

Lídia Maria Chacon de Freitas

Marcella Monteiro de Souza e Silva

Marcus Souto Abrantes

Mônica Jeanine Fischbach Saliby

Patrícia Nunes

Paula Freitas Ramalho da Silva

Stephania A. Ribeiro Batista Geraldini

Sylvia T. Pupo Netto

Yone Vittorello Castelo